

## Sobre a necessidade de sair do quintal

Lyslei Nascimento  
UFMG

O Arquivo Filmográfico Nacional, uma divisão do British Film Institute, em Londres,<sup>1</sup> preocupado com a deterioração física do seu acervo cinematográfico, compilou 360 cópias perfeitas de filmes para a história do cinema. Famosos críticos e acadêmicos bem como cineastas, romancistas e historiadores foram convidados a escrever sobre esses filmes.

São, esses escritos, impressões pessoais, detalhes de produção e uma filmografia minuciosa, além de notas e de referências bibliográficas. *O mágico de Oz*, de Victor Fleming,<sup>2</sup> é um desses filmes e o escritor convidado para escrever sobre ele foi Salman Rushdie, autor do excelente *Versos satânicos*<sup>3</sup> (que, como todos sabem, rendeu ao escritor indiano, radicado na Inglaterra, uma pena de morte – hoje, por pressão internacional, retirada – por ser considerado desrespeitoso ao Islã) e do excepcional *O último suspiro do Mouro*.<sup>4</sup>

O texto de Rushdie, dedicado à escritora e amiga Angela Carter, é intitulado, de forma homônima, *O mágico de Oz*, e foi publicado no Brasil em 1997.<sup>5</sup> O livro é aparentemente despretenhoso, mas, afiança o escritor, o filme é “despreocupadamente ímpio”.<sup>6</sup> Tanto na referência ao Kansas, como um produto não só da tristeza da miséria, mas, também, da maldade de supostos matadores de cachorros,<sup>7</sup> quanto nos excertos da biografia do escritor, em que há uma inscrição sutil, a contrapelo do projeto do filme e do Arquivo Filmográfico, que desloca as imagens e problematiza o seu apelo pedagógico e conservador. A película, argumenta Rushdie, “insere um elemento de má-fé ao admitir a possibilidade de que tudo que se segue é um sonho.”<sup>8</sup>

O filme de Fleming, afirma Rushdie, fez dele um escritor e, na atualidade, analisando-o, ele o está sujeitando às indignidades da câmera lenta, do avanço rápido e do congelamento de imagem. Assim, como se vê, o cinema é uma das influências literárias do autor: “o filme fez de mim um escritor”.<sup>9</sup> Essa afirmação pode ser seja devidamente apreciada pelo

---

<sup>1</sup> British Film Institute. Disponível em: <https://www.bfi.org.uk/>. Acesso em: 9 set. 2020.

<sup>2</sup> O filme *O Mágico de Oz*, lançado, em 1939, pela Metro-Goldwyn-Mayer, foi baseado no romance infantil *Maravilhoso Mágico de Oz*, de L. Frank Baum, publicado em 1900. Dirigido por Victor Fleming, com produção de Mervyn LeRoy e roteiro de Noel Langley, Florence Ryerson e Edgar Allan Woolf e estrelado por Judy Garland, Frank Morgan, Ray Bolger, Bert Lahr, Jack Haley, Billie Burk, Margaret Hamilton e Charley Grapewin. No enredo, Dorothy e seu cachorro Totó são levados para a terra mágica de Oz quando um ciclone passa pela fazenda de seus avós no Kansas. Eles caminham em direção à Cidade Esmeralda para encontrar o Mágico (ou Mago) Oz e, nesse percurso, encontram três personagens a quem algo falta: o Espantalho, que precisa de um cérebro; o Homem de Lata, que não tem um coração e um Leão Covarde que deseja ter coragem.

<sup>3</sup> RUSHDIE, Salman. *Os versos satânicos*. Trad. Misael Dursan. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>4</sup> RUSHDIE, Salman. *O último suspiro do Mouro*. Trad. Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>5</sup> RUSHDIE, Salman. *O mágico de Oz*. Trad. Rolf Wyler. Rocco: Rio de Janeiro, 1997.

<sup>6</sup> RUSHDIE, 1997, p. 14.

<sup>7</sup> RUSHDIE, 1997, p. 19.

<sup>8</sup> RUSHDIE, 1997, p. 34.

<sup>9</sup> RUSHDIE, 1997, p. 21.

leitor, no conto “No leilão dos sapatinhos de rubi”, de Rushdie, que vem, na publicação, após o ensaio.<sup>10</sup>

A partir duma franca disposição em desfiar a trama, o escritor ressalta uma das raras ocasiões em que, segundo ele, o cinema melhorou um bom livro.<sup>11</sup> Rushdie ilumina algumas sutilezas sombrias presentes no filme: a inadequabilidade dos adultos, por exemplo, e como a fraqueza deles força as crianças a tomarem as rédeas de seus próprios destinos; a contestação da sentença “There’s no place like home” (Não há lugar como o nosso lar) é continuamente reiterada; e a revelação das alegrias de ir embora, de deixar o cinza e ingressar na cor, de levar uma nova vida em um lugar onde não existiria problemas. O lar, apresentado no filme, é um lugar depressivo no qual, segundo Rushdie, até onde a vista alcança, tudo é cinzento e se contrapõe à cor que inunda a tela do mundo de Oz: o amarelo da Estrada de Tijolos, o vermelho do Campo de Papoulas, o verde da Cidade Esmeralda e da pele da feiticeira. Além, é claro, da contraposição, pouco proveitosa, de homens-occos, de palha, sem coração e covardes a mulheres fortes, feiticeiras e más.

O lar e a segurança são representados por uma simplicidade monocromática e geométrica, ao passo que o perigo e a maldade são invariavelmente retorcidos, irregulares e deformados francamente expressionistas. O escritor destaca, ainda, uma animosidade do filme contra tudo o que é emaranhado e misterioso. Assim, a pequena Dorothy, quando ingressa no retorcido e colorido mundo da fantasia, não tem um teto sobre sua cabeça, configurando o seu desabrigo e desalojamento. É difícil para um migrante como eu, confessa Rushdie, não ver, nesse destino deslocado, uma parábola da condição do migrante.<sup>12</sup>

Daí a indignação de Rushdie diante da lição a ser aprendida pela menina do filme e, por extensão, pelos espectadores: se alguma vez sair novamente à procura de desejos, não os procurar além do próprio quintal! “Devemos acreditar que Dorothy nada mais aprendeu em sua viagem do que ser esta, em primeiro lugar, desnecessária? Devemos aceitar que ela agora se conforme com as limitações de sua vida doméstica, e concorde que as coisas que ela não tem ali também não representam nenhuma perda para ela?”<sup>13</sup>

Desculpem-me, mas isto é o inferno. É preciso sair do quintal, do quarto fechado, do anexo secreto. Os livros têm asas.

---

<sup>10</sup> RUSHDIE, 1997, p. 66-75.

<sup>11</sup> RUSHDIE, 1997, p. 15.

<sup>12</sup> RUSHDIE, 1997, p. 62.

<sup>13</sup> RUSHDIE, 1997, p. 64-65.